

## O controle social da televisão

---

---

*Marta Suplicy, psicanalista e ex-Deputada Federal, fundadora do Grupo TVer, vem liderando o debate social e político sobre a necessidade do controle social da televisão no Brasil contemporâneo. A temática se coloca como relevante na área da recepção aos media, no contexto de uma sociedade democrática em construção, pela própria significação de um controle valorativo e estético a ser colocado para o telespectador, resultando daí a discussão sobre a cidadania, especialmente quanto ao poder de autonomia do cidadão, frente aos media.*

*Por outro lado, a questão é ainda importante nos estudos sobre recepção mediática dado que envolve também uma fundamentação ética, ou seja, atribuir ao emissor um padrão valorativo e estético em nome do receptor, ante sua eventual impossibilidade de responder por si mesmo à pluralidade de códigos, valores e normas que permeiam a produção televisiva.*

*A temática é ainda polêmica, dado que envolve toda a sociedade civil para que ela mesma venha a propor e obter para toda a sociedade esse controle social da televisão. Dir-se-ia que os espaços públicos da sociedade contemporânea, fragmentados e parciais, serão uniformizados por este controle social da televisão de sorte a impossibilitar que a diversidade e o conflito sejam mediados pelos meios de comunicação? Ou vincer-se-ia realmente neste controle o respeito maior às diferenças dentro do jogo público no qual os media exercem cada vez mais o papel de mediador de conflitos entre razões e emoções?*

*O debate aqui apresentado é parte significativa de uma discussão mais ampla promovida por Novos Olhares e que contou com a presença do video maker e apresentador da TV Cultura de São Paulo, Marcelo Tas, das professoras Anna Maria Balogh e Regina Festa, bem como do estudante e jovem pesquisador, Rafael Gioielli, membros do Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção à Produtos Mediáticos da ECA/USP.*

### TVer

**Marcelo:** Para começar, poderíamos falar do grupo TVer. O que é esse grupo? Por que uma mulher como você, proeminente na vida política do país, está interessada nesse assunto?

**Marta:** Tudo começou a partir de uma vontade de discutir, fora do Congresso, a influência da TV na formação cultural da população brasileira, com especialistas no assunto. O grupo é formado por

promotores, psicólogos, críticos de TV, jornalistas e empresários.

**Marcelo:** Como uma ONG como o TVer pretende atuar? Quais as armas?

**Marta:** Nós somos uma formiguinha comparados ao poder das grandes corporações de comunicação. Acontece que essa formiguinha, com o apoio da sociedade civil, pode se tomar um leão. Desde que o Grupo iniciou esta discussão as redes de TV estão se repensando. A própria TV

**(1) A transcrição guarda os termos originais utilizados pelos debatedores.**



Globo está tentando fazer uma programação de maior qualidade.

**Rafael:** A atuação do José Gregori<sup>2</sup> já seria um reflexo do trabalho do TVer?

**Marta:** Sim, mas não é que o TVer tenha esse poder, o Grupo apenas trouxe para a mídia uma questão que estava madura na sociedade. Nós não estamos falando nada que a sociedade não estivesse falando. O TVer acabou se tomando um porta voz.

**Regina:** A idéia do TVer é ver o telespectador como consumidor de imagem, um consumidor de mensagem.

**Marcelo:** O telespectador que por exemplo se sinta atingido por um produto de má qualidade tem onde reclamar?

**Marta:** Ainda não, mas nós estamos criando. Estou encaminhando ao Senador Pedro Simon um projeto de lei para a criação de uma subcomissão, dentro da comissão de educação do Senado, para receber qualquer reclamação ou comentário referente à programação da TV brasileira. Essa comissão enviaria um relatório quinzenal ao Ministério da Justiça ou das Comunicações que, por sua vez, tomaria as medidas cabíveis em ações julgadas procedentes.

**Marcelo:** Até mesmo porque atualmente o cidadão comum não pode fazer muito mais do que falar mal da programação.

**Marta:** O projeto inclui também a criação de um ombudsman nas televisões abertas.

#### Censura

**Marcelo:** A ação de um grupo pequeno, mesmo que representativo da sociedade, não seria uma forma de censura?

**Marta:** O que nós propomos é um controle social, que é bem diferente de censura. Eu mesma tive esta experiência de censura quando era apresentadora da *TV Mulher* e não desejei isso de maneira alguma. A experiência da ditadura brasileira nos

deu a entender que qualquer tentativa de se estabelecer parâmetros é censura, e não é. Qualquer país desenvolvido como Espanha, Inglaterra ou França tem parâmetros do que pode ser exibido em cada horário. No Brasil cada um faz o que quer. Falta ainda a regulamentação da Constituição que é bem clara no parágrafo 221 sobre os deveres da televisão. Sem a regulamentação não pode haver punição. Há um número enorme de Deputados e Senadores que são donos de emissoras e que não possuem o menor interesse em que essas leis sejam regulamentadas.

**Anna:** Mas se as leis não são suficientes, o que devemos fazer?

**Marta:** É interesse da sociedade que essas leis sejam regulamentadas. Devemos brigar por isso.

**Rafael:** O maior objetivo do TVer, então, não é criar mecanismos para que a sociedade reclame, mas sim fomentar a discussão em torno dessa situação?

**Marta:** É exatamente isso. O TVer quer que a sociedade se mobilize, crie grupos de pressão.

#### Recepção e criação

**Marcelo:** Uma das principais discussões a respeito de qualidade na TV está relacionada a produção de programas infantis. Eu pude participar na TV Cultura de alguns projetos como o *Rátimbum* e o *Castelo Rátimbum* que são a prova concreta de que é possível fazer programas educativos e adequados para este público. Essa história de que nós não temos bons programas infantis me parece muitas vezes exagerada.

**Marta:** Mas, na verdade, a maioria das emissoras prefere importar enlatados de péssima qualidade a produzir bons programas nacionais. A finalidade é sempre o lucro. Cabe às mães desligarem a TV na hora dos desenhos violentos. A TV influencia comportamentos. Basta ver como as

**(2) José Gregori, Secretário de Direitos Humanos do Governo Federal, iniciou recentemente o debate a respeito da qualidade da produção televisiva com donos de emissoras.**

meninas se vestem hoje. Tem alguma coisa a ver com a realidade pré-Xuxa? Que tipo de mulher a televisão está criando?

**Anna:** A erotização precoce queima etapas no desenvolvimento das nossas crianças, causando danos.

**Marta:** Outro dia um pai me falou que sua filha de quatro anos, vendo um beijo na TV, perguntou a ele o que era uma cósqinha que ela estava sentindo na xoxota. O pai ficou tão estarelecido que, numa reação de momento, mandou a menina ir fazer xixi. Ou seja, ele desautorizou algo que a menina estava sentindo ao invés de permitir que ela incorporasse a experiência, admitindo que ela estava sentindo um estímulo ao ver o beijo. Ao mesmo tempo, se ele permitisse que ela a incorporasse, ele estaria autorizando uma experiência genital para uma criança de quatro anos que não tem a menor idéia do que seja isso.

**Marcelo:** E o que ele deveria dizer?

**Marta:** Se eu estivesse no lugar deste pai eu diria que essa cósqinha é uma coisa gostosa despertada pelo beijo. Para uma criança de quatro anos isto basta.

**Anna:** Você não acha que a imagem caminha num sentido de exacerbação total e que isso acaba provocando uma desorientação nos jovens, que quando expostos a uma carga muito grande de uma suposta informação, acabam por engrossar índices de gravidez precoce, por exemplo?

**Marta:** Isso é ainda mais grave quando a televisão não cria parâmetros do que é certo ou errado. Cenas como a de um sobrinho transando com uma tia podem dar a entender para o jovem que relações como essa são prática comum na sociedade. Essa falta de parâmetros acaba criando situações como a do índio pataxó queimado por adolescentes em Brasília. O problema é que esse processo acaba envolvendo os pais também.

**Marcelo:** As mães que mais se inflamam contra fenômenos como o da *Tiazinha* são as mesmas que confeccionam fantasias de *Tiazinha* para suas filhas no carnaval.

### Recepção e mulher

**Regina:** O grupo TVer fez recentemente uma pesquisa a respeito da relação mulher e televisão, umas das primeiras feitas pelo grupo, e que bateu com pesquisas vindo da área de marketing, mostrando fundamentalmente que a TV hoje já não retrata mais o que a mulher sente e pensa. Isso demonstra uma ruptura dos estereótipos. Como você analisa isso? Você que é uma mulher trabalhando na área, com experiência em televisão?

**Marta:** Eu achei muito interessante o resultado da pesquisa. A parte que não surpreende, nem quer dizer nada, é que a mulher brasileira não se veja na televisão. É difícil se ver mesmo. Não é necessariamente um erro da TV. O que me parece complicado é quando a mulher que trabalha fora diz que não há programas para ela no horário em que está em casa, que não há nada que ela goste de assistir, porque os programas que a interessam passam de tarde ou depois da meia noite como é o caso do programa do Jô Soares. Fica muito evidente que a mulher hoje quer aprender diante da TV, ela quer informação. Mesmo a mulher que vê novela sabe que aquilo é um sonho, não é a realidade. Por isso, vê novela duas vezes por semana. A mulher, segundo a pesquisa, quer um programa que na sua descrição - aliás muito clara do que a mulher moderna deseja - é alguma coisa com o glamour e diversidade do *Fantástico* (Rede Globo), com a profundidade e seriedade do *Opinião Nacional* (TV Cultura) e com os temas da Silvia Popovic. Esses programas atuais têm uma ótica masculina, você não vê a ótica feminina. Não é que a gente queira um programa feminino, mas



também não quer o que está sendo apresentado.

**Rafael:** A mulher chega a se sentir menosprezada pela programação que é apresentada na TV?

**Marta:** Ela se sente marginalizada, que ninguém está olhando para o seu desejo. Relacionando com a pesquisa publicitária publicada pela Gazeta Mercantil, uma coisa nova e instigante para pensar é que a publicidade não atinge mais seu *target*, seu objetivo. A mulher não tolera mais ser retratada com avental e na boca do fogão. Mesmo a dona de casa não se sente a dona de casa estereotipada como era a sua avó, ela hoje trabalha no micro-computador, faz um trabalho social, se não for profissionalizada faz um bico. Ela não permite mais esse retrato, e a publicidade continua tentando atingir essa mulher consumidora e que hoje não se vê mais nesse retrato.

**Rafael:** Isto em todos os níveis?

**Marta:** Todos os níveis. Nos anos sessenta ou setenta até estaria certo, pois apenas vinte por cento das mulheres brasileiras trabalhavam fora do lar, hoje são quarenta e sete por cento. Esta mulher está desprezada; com certeza os publicitários têm dez vezes mais pesquisas do que nós, as televisões também, então por que eles estão se remetendo a uma mulher que não existe mais? As mulheres que a TV apresenta e que são admiradas pelas entrevistadas, como a Fernanda Montenegro, a Glória Maria - por ser negra e ter chegado lá -, e a Fátima Bernardes - por ter marido bonito, família, trabalho e êxito -, não são produtos de marketing, tiveram uma oportunidade, fizeram um tipo admirável por mérito delas. As execradas como a *Tiazinha*, 0900, banheira do Gugu, Carla Perez - com uma ressalva, pois essa é batalhadora e as mulheres apreciam isso -, são puro produto de marketing. Uma professora do Rio de Janeiro me

contou que duas semanas antes do carnaval, suas alunas, mulheres adultas, falavam mal da *Tiazinha*, e duas semanas depois, no carnaval, vestiam suas filhas de *Tiazinhas*. E elas não percebiam a incoerência. Essa propaganda é avassaladora. A TV cria as mulheres apenas para a sedução, como é a *Tiazinha*, e isso não é grátis. Com o mercado de trabalho em recessão e a globalização, você coloca no imaginário feminino a sedução, e não a capacitação para a disputa do mercado de trabalho e do poder de decisão em cargos executivos, que as mulheres têm ocupado cada vez mais. Isso tudo é programado.

**Marcelo:** Uma das coisas que não é muito falada mas que me parece óbvio é que a televisão tem um olhar masculino porque é feita por criadores homens. Há pouquíssimas mulheres criando na televisão ou na publicidade. A discussão sobre criação é quase que cem por cento masculina.

**Anna:** Mas há criadores com uma sensibilidade muito grande para a mulher, e na dramaturgia nacional se a novela não tem tanto espaço para a divulgação de uma mulher profissional e batalhadora, as mini-séries têm resgatado isso. Criou-se uma tradição com *Malu* e agora com o seriado *Mulher* na Globo.

**Marcelo:** Mas são homens criando mulheres. Hoje a principal rede de televisão é administrada por uma mulher (Marluce, da Rede Globo) e não há discussão a respeito da falta de criadoras, com outra ótica geral de criação.

**Regina:** Mas a mulher cresce em todos os setores e acaba tendo cada vez mais um poder de decisão maior, e a publicidade vai ter que incorporar essa mulher, naturalmente, por pressão do mercado e da sociedade.

**Rafael:** Mais do que o sexo de quem está produzindo, importa a formação. O homem não vai ter necessariamente uma visão estereotipada da

mulher dependendo da formação profissional e humana que ele tenha.

### **Recepção e controle social da TV**

**Marcelo:** Seria através da regulamentação que poderíamos controlar a TV socialmente?

**Marta:** No Brasil o primeiro passo seria que o Congresso Nacional regulamentasse a Constituição, que está lá desde 1988 e foi feita para não ser regulamentada. Só por isso é que a televisão faz o que bem entende. Como não há punição nem critérios claros para as infrações cometidas, cada um faz o que quer.

**Marcelo:** Mas então a Constituição tem uma emenda tratada como: deixa isso aí mesmo pois nós não vamos respeitar!?

**Marta:** Isso mesmo, pois caso não fosse, com tantas pressões para sair a regulamentação por que até hoje não saiu? Inventam bloqueadores de canais em certos horários, que através de uma pontuação os pais em casa fariam o controle. Eles acham lindo, mas como eles estavam pensando isso? Não tem cabimento. Como pontuariam as distintas formas de violência? E como cada família se adaptaria?

**Rafael:** Além disso a família teria que entender porque fazer esse bloqueio.

**Marta:** Isso até seria explicado, mas é complicadíssimo implantar. A catalogação do horário seria melhor, com uma comissão que definisse em qual horário cada programa poderia ser apresentado, e aplicasse multas para os faltosos, como se faz na França. Como não temos experiência, vamos errar. Então, o governo deveria propor uma comissão tripartite, com as televisões, o governo e a sociedade civil, classificar os parâmetros, e, depois, a gente reclamaria se achasse que está errado. Teríamos um fórum no qual eu possa dizer que isto está muito rígido.

**Regina:** Vamos citar um exemplo que não seja do primeiro mundo: no Chile,

há um conselho nacional de televisão, um órgão formado por pessoas representativas da sociedade, indicadas e depois endossadas pelo Congresso. Este conselho tem um grupo de pesquisa permanente que vai monitorando a televisão e informando ao conselho, que repassa as informações para a sociedade e parlamentares. Marta, o que seria, então, esse controle social da televisão?

**Marta:** É exatamente isso. A sociedade civil, que está ali olhando, poder ter um dizer. Hoje somos telespectadores passivos, não sabemos que peso têm nossas reclamações individuais, se elas refletem o pensamento do meu bairro, cidade, o pensamento sobre televisão lá do Maranhão. Criar-se-ia, então, uma subcomissão de educação no Congresso que poderia receber essas queixas, parabenizações e sugestões e que as reenviaria para as televisões e para os ministérios da Justiça e Comunicações. Assim a sociedade teria um fórum para conversar.

**Marcelo:** Será que não poderia ser um órgão fora do governo, composto pela sociedade civil?

**Rafael:** Mas quem poderia legitimar este órgão?

**Marcelo:** É que nós sabemos que os Deputados não inspiram grande confiança..., e certas coisas não devem ser feitas por pessoas pertencentes ao poder.

**Marta:** Eles serão apenas a fonte acolhedora das queixas e do pensamento brasileiro sobre a TV, não terão poder de punição.

**Anna:** Em um país plural como o Brasil, como fazer essa média de opinião, como aferi-la para melhorar esta qualidade?

**Marta:** A partir do momento que esta discussão é colocada em prática, isso vai penetrando. Por que as escolas não discutem televisão? Deveriam. As escolas infantis também. É importan-



tíssimo decodificar televisão para crianças pequenas.

**Rafael:** Dever-se-ia educar para assistir televisão? A filtrar essa informação?

**Marta:** Evidente. Uma vez fiz um trabalho com jovens e pedi que eles identificassem comportamentos machistas nas novelas, e eles perceberam em cenas que nem eu tinha visto. Mas o que acontece, você conscientiza, cria um senso crítico para ver TV, para poder desconfiar, ter interpretação, comparar por exemplo, o conteúdo de diferentes jornais em horário nobre. Com esse senso crítico você pode desmistificar, ressignificar. Mas sem alguém que ajude é difícil.

**Regina:** Deveria então começar preparando os professores?

**Marta:** Primeiramente. E como cadeira.

**Marcelo:** Eu acredito que as pessoas têm um grande conhecimento sobre a TV, e esses professores teriam de ter sofisticação, pois brotariam discussões complexas em toda faixa da população, sobre novelas e programação em geral.

**Rafael:** A gente tem percebido que a televisão tem sido o novo espaço público, onde são viabilizadas as discussões sociais e políticas, onde a partir de um programa ou determinadas temáticas colocadas no ar a sociedade discute. A sociedade se pauta politicamente ou nas ações cotidianas a partir disso. A TV introduz os temas a serem discutidos mais até do que outros fóruns.

**Marcelo:** E a velocidade é assustadora. Pegamos um presidente totalmente falsificado e desconhecido como foi o caso do Collor, que com alguns minutos no horário eleitoral, construiu uma imagem e se elegeu presidente. Isso ficou claro, até quando ele foi patéticamente para a televisão pedir para quem estivesse do seu lado vestir no dia seguinte uma

camisa amarela, e no dia seguinte estava todo mundo de preto. É uma sociedade ágil e criativa. Fantástica!

**Regina:** Isso mostra o poder da TV e que a sociedade é capaz de pautar e alterar esferas a partir de discussões maiores.

**Marta:** Essa discussão é extremamente rica pois repercute nos lugares que as pessoas frequentam. Não é ter um Congresso para determinar exatamente como deve ser, pois nenhum grupo determinará. Mas a maturidade da sociedade e a possibilidade de discussão é que nos dará uma TV de melhor qualidade.